



ARTIGO ORIGINAL

Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents[☆]



Graziela A.H. Zottis^{a,b,*}, Giovanni A. Salum^{a,b,c}, Luciano R. Isolan^{a,b},
Gisele G. Manfro^{a,b,c} e Elizeth Heldt^{a,b}

^a Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, PR, Brasil

^b Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

^c Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento para a Infância e Adolescência, São Paulo, SP, Brasil

Recebido em 3 de setembro de 2013; aceito em 9 de dezembro de 2013

KEYWORDS

Bullying;
Adolescent;
Punishment;
Child rearing

Abstract

Objective: to investigate associations between different types of child disciplinary practices and children and adolescents' bullying behavior in a Brazilian sample.

Methods: cross-sectional study, with a school-based sample of 10- to 15-year-old children and adolescents. Child disciplinary practices were assessed using two main subtypes: power-assertive and punitive (psychological aggression, corporal punishment, deprivation of privileges, and penalty tasks) and inductive (explaining, rewarding, and monitoring). A modified version of the Olweus Bully Victim Questionnaire was used to measure the frequency of bullying.

Results: 247 children and adolescents were evaluated and 98 (39.7%) were classified as bullies. Power-assertive and punitive discipline by either mother or father was associated with bullying perpetration by their children. Mothers who mostly used this type of discipline were 4.36 (95% CI: 1.87-10.16; $p < 0.001$) times more likely of having a bully child. Psychological aggression and mild forms of corporal punishment presented the highest odds ratios. Overall inductive discipline was not associated with bullying.

Conclusions: bullying was associated to parents' assertive and punitive discipline. Finding different ways of disciplining children and adolescents might decrease bullying behavior.

© 2014 Sociedade Brasileira de Pediatria. Published by Elsevier Editora Ltda.

Este é um artigo Open Access sob a licença de [CC BY-NC-ND](#)

DOI se refere ao artigo:

<http://dx.doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.12.009>

[☆] Como citar este artigo: Zottis GA, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. J Pediatr (Rio J). 2014;90:408–14.

* Autor para correspondência.

E-mails: g.zottis@yahoo.com.br, g.hartmann@yahoo.it (G.A.H. Zottis).

PALAVRAS-CHAVE

Bullying;
Adolescente;
Punição;
Educação infantil

Associações entre práticas de disciplina infantil e comportamento de bullying em adolescentes**Resumo**

Objetivo: investigar a associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento de *bullying* entre adolescentes brasileiros.

Métodos: estudo transversal, com alunos de 10 a 15 anos. Práticas parentais de disciplina foram avaliadas utilizando duas subclassificações principais: autoritárias e punitivas (agressão psicológica, punição corporal, retirada de privilégios e penalidades) e indutivas (explicações, recompensa e monitoramento). Uma versão modificada do *Olweus Bully Victim Questionnaire* foi utilizada para verificar a frequência de *bullying*.

Resultados: foram avaliados 247 adolescentes, e 98 (39,7%) deles foram classificados como agressores. Práticas parentais de disciplina autoritárias e punitivas, utilizadas tanto pela mãe como pelo pai, apresentaram associação com a prática de *bullying* pelos filhos. Mães que mais utilizavam este tipo de disciplina apresentaram chance 4,36 (IC95%: 1,87-10,16; $p < 0,001$) vezes maior de ter um filho agressor. Agressão psicológica e formas brandas de punição corporal apresentaram os maiores *odds ratio*. Disciplina indutiva como um todo não apresentou associação.

Conclusões: a prática de *bullying* apresentou associação com a disciplina parental autoritária e punitiva. A utilização de diferentes formas de disciplinar os adolescentes podem diminuir o comportamento de *bullying*.

© 2014 Sociedade Brasileira de Pediatria. Publicado por Elsevier Editora Ltda.

Este é um artigo Open Access sob a licença de [CC BY-NC-ND](#)

Introdução

A prática de *bullying* é reconhecida como uma grande preocupação, pois está associada a grandes deficiências na escola,¹ problemas de saúde mental,^{1,2} e, mais tarde, criminalidade.³ Estudos mostraram que os agressores têm muito menos autocontrole⁴ e autoestima,⁵ além de menor empatia afetiva.⁶ Essas características também estão associadas à parentalidade. Por exemplo, apego aos pais está associado à autoestima, empatia, comportamento pró-social e apego aos pares.⁷ Portanto, seria esperado que a rotina diária com os pais tivesse uma influência sobre a competência social de seus filhos e, assim, seu comportamento na escola.

As práticas parentais de disciplina são uma parte necessária na educação infantil. Elas envolvem treinar e ajudar as crianças a desenvolver opinião, um senso de limites, autocontrole, autossuficiência e uma conduta social positiva.⁸ Para fins deste estudo, foram exploradas duas classificações de práticas parentais de disciplina: autoritárias e punitivas e indutivas.⁹ Acredita-se que a disciplina indutiva (p. ex., razão) ajuda as crianças a desenvolver habilidades empáticas, recorrendo ao senso de razão e justiça delas.¹⁰ A disciplina punitiva (p. ex., agressão psicológica, castigo corporal), por outro lado, mostra raiva e falta de disposição, além de ensinar um modelo de agressão.¹¹

Na área das práticas parentais de disciplina, nenhuma é tão controversa quanto o castigo corporal. Vitolo *et al.*¹² constataram que 11,9% dos pais brasileiros consideram o castigo corporal uma prática educacional, e 43,3% deles fazem uso da mesma como uma prática parental de disciplina. Um estudo mais amplo e mais recente, com países de baixa e média rendas (LaMICs) e com os Estados Unidos, constatou que, no Brasil, apesar de quase todos os pais fazerem uso

de alguma forma de disciplina não violenta, 55% deram palmadas em seus filhos no último ano, 15% bateram nos filhos com um objeto e 19% fizeram uso de formas de violência psicológica, como xingamentos e ofensas.¹³

Apesar de a associação entre abuso físico e *bullying*¹⁴ ser bem aceita, em nosso conhecimento, nenhum estudo demonstrou ainda uma associação entre *bullying* e formas leves de castigo corporal, como palmadas. O presente estudo buscou verificar as associações entre os diferentes tipos de práticas parentais de disciplina, principalmente formas leves de castigo corporal, e o comportamento de *bullying* entre adolescentes em uma amostra brasileira.

Métodos**Participantes e procedimentos de coleta de dados**

Os participantes eram adolescentes de seis escolas públicas pertencentes à área de abrangência da unidade básica de saúde do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil, avaliados entre outubro de 2010 e março de 2011. Para serem elegíveis, os participantes deveriam ter entre 10 e 15 anos de idade, pois castigo corporal, uma importante variável neste estudo, é uma prática raramente utilizada em adolescentes acima de 15 anos.¹⁵ O único critério de exclusão foi não conseguir fornecer um consentimento passivo dos pais e uma aprovação ativa dos alunos. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (n° 100010).

No dia da coleta de dados, os alunos foram avaliados em sala de aula e por dois assistentes de pesquisa. Pedimos aos alunos que se sentassem separadamente, de modo a não permitir conferências ou conversas durante o preenchimento

do questionário, o que levou cerca de um período de ensino (50 minutos).

Medidas

Bullying. Foi utilizada uma versão modificada¹⁶ do *Olweus Bully Victim Questionnaire*¹⁷ para verificar a frequência do comportamento de *bullying*. Pedimos aos alunos que indicassem a frequência com que praticavam *bullying* na escola. '*Bullying físico*' foi avaliado com perguntas sobre a frequência com que eles machucavam fisicamente ou pegavam pertences de outros alunos. '*Bullying verbal*' incluiu xingamentos, provocações de forma ofensiva ou ameaçadora. '*Bullying indireto*' incluiu espalhar rumores, não conversar com alguém de propósito ou exclui pessoas de seu grupo de amigos. Perguntas sobre magoar as pessoas utilizando a internet e telefones celulares foram feitas para avaliar '*cyberbullying*'. As possíveis respostas variaram de "Nunca", "Uma ou duas vezes no ano anterior", "3 a 6 vezes no ano anterior", "Várias vezes em uma semana" a "Todo dia". As opções de resposta foram recodificadas em uma escala de razão refletindo o número aproximado de vezes por ano. Os alunos foram considerados agressores quando cometeram qualquer tipo de comportamento de *bullying* pelo menos uma vez por semana, em média. A consistência interna dos itens totais foi considerada aceitável para essa amostra (Alfa de Cronbach = 0,83).

Práticas parentais de disciplina. Foi utilizado o Inventário de Dimensões de Disciplina (DDI) – Relatório com Crianças para avaliar a frequência das práticas parentais de disciplina. Os autores do DDI forneceram uma versão em português da tradução atual e um estudo de adaptação entre culturas. A escala das práticas parentais de disciplina autoritárias e punitivas abrange 16 perguntas sobre agressão psicológica, punição corporal, retirada de privilégios e penalidades. A escala DDI utilizada para verificar castigo corporal possui quatro perguntas. Contudo, para evitar confusão com o que seria considerado abuso físico, foram utilizadas apenas duas perguntas para verificar castigo corporal leve: "Com que frequência seus pais lhe dão palmadas, batem, dão tapas ou pancadas?" e "Com que frequência seus pais o sacodem ou o pegam pelos braços para chamar sua atenção?" As duas perguntas restantes foram categorizadas como castigo corporal severo: "Com que frequência seus pais usam pá, escova de cabelo, cinto ou outro objeto?" e "Com que frequência seus pais lavam sua boca com sabão, colocam molho picante em sua língua ou algo parecido?" A escala DDI para verificar disciplina indutiva inclui seis perguntas sobre disciplina positiva, inclusive explicação, recompensa e monitoramento, como "Com que frequência seus pais o elogiam por, finalmente, parar com um mau comportamento ou por se comportar direito?"

As categorias de respostas dos itens comportamentais de disciplina variam de "Nunca ou não neste ano"; "1 a 2 vezes neste ano"; "3 a 5 vezes neste ano"; "6 a 9 vezes neste ano"; "10 a 14 vezes neste ano"; "2 a 3 vezes por mês"; "1 a 2 vezes por semana"; "3 a 4 vezes por semana"; "5 ou mais vezes por semana"; a "2 ou mais vezes por dia". As opções de resposta foram recodificadas em uma escala de razão refletindo o número aproximado de vezes por ano. Caso os alunos tenham sido criados por outras pessoas que

não seus pais biológicos, pedimos que identificassem quem eles consideram seus dois principais responsáveis, e as perguntas foram feitas para cada um deles. Para o restante do artigo, os termos "mãe" e "pai" serão utilizados para os números identificados pelas crianças. O alfa de Cronbach do DDI foi 83 para ambos, para mãe e pai.

Variáveis demográficas. Os dados demográficos coletados dos participantes incluíram idade, sexo, raça, número de irmãos do aluno e estado civil e nível de escolaridade dos pais.

Análise estatística

Os dados contínuos são apresentados como média (amplitude interquartil). Os dados categóricos são apresentados como n (%). A frequência no ano anterior de cada prática parental de disciplina e o grupo de práticas que constituem os escores das práticas parentais de disciplina autoritárias e punitivas, que apresentaram distribuições enviesadas, foi categorizada em quartis de exposição, com o primeiro quartil (frequência mais baixa) sendo o grupo de referência para análise. As práticas parentais de disciplina apresentando mais de 50% de frequência zero foram dicotomizadas em presença ou ausência, em vez de utilizar quartis.

As diferenças entre agressores e não agressores foram investigadas com relação a características sociodemográficas utilizando o teste Qui-quadrado de Pearson para variáveis dicotômicas e utilizando amostras independentes do teste *t* de Student para medidas contínuas (ou substitutos não paramétricos). As principais hipóteses foram testadas utilizando a regressão logística binária e os estimadores robustos, a fim de propiciar pressupostos do modelo. As variáveis independentes foram incluídas em dois modelos independentes – um para o comportamento das mães e outro para o comportamento dos pais – e foram ajustadas para sexo, idade e se a figura parental foi a mãe ou o pai biológico. A variável dependente foi agrupada (agressor, não agressor). As possíveis variáveis de confusão foram definidas como aquelas associadas ao resultado com valores de *p* inferiores a .20 ou pela relevância teórica. Foram utilizados intervalos de confiança de 95% (IC de 95%). A relevância estatística foi estabelecida em .05 (duas caudas). O *software* estatístico utilizado foi o SPSS para Windows, versão 18.0 (Chicago, USA).

Resultados

Dos 276 adolescentes elegíveis para participar do estudo, 20 (7,25%) negaram o convite e nove (3,26%) não estavam autorizados por seus pais a participar. A amostra final consistiu de 247 alunos, dos quais 98 (39,7%) foram classificados como agressores. Estes diferiram significativamente dos não agressores como sendo mais velhos, e com identificação de suas figuras paternas como seus pais biológicos. As características da amostra são apresentadas na [tabela 1](#). Do grupo *bullying*, 52 (53,06%) admitiram ter praticado esse ato pelo menos uma vez por dia, e cerca de metade deles, nesse nível de frequência, eram mulheres (n = 28; 53,84%). Quando diferentes tipos de *bullying* foram analisados separadamente, homens e mulheres não diferiram significativamente ([tabela 2](#)).

Tabela 1 Características dos participantes (n = 247)

| | Agressores n = 98 (39,7%) | Não agressores n = 149 (60,3%) | Estatísticas | Valores de p |
|---|------------------------------|-----------------------------------|-------------------|--------------|
| Sexo, número de homens (%) | 52 (53,1) | 64 (43,0) | 2,04 ^a | 0,154 |
| Idade, idade média (DP) | 13,5 (1,1) | 13,1 (1,3) | 2,97 ^b | 0,011 |
| <i>Identificação étnica, n° (%)</i> | | | | |
| Branco | 69 (70,4) | 93 (62,4) | 0,97 ^c | 0,325 |
| Negro | 17 (17,3) | 36 (24,2) | | |
| Outras minorias | 12 (12,2) | 20 (13,4) | | |
| Número de irmãos, mediana (p ₂₅ -p ₇₅) | 2,0 (1,0-3,3) | 2,0 (1,0-3,0) | 0,71 ^d | 0,480 |
| Número de pais divorciados (%) | 59 (60,2) | 81 (54,4) | 0,60 ^a | 0,438 |
| <i>Figura paterna, n° (%)^e</i> | | | | |
| Pai biológico | 62 (63,3) | 118 (79,7) | 5,12 ^c | 0,025 |
| Padrasto | 23 (23,5) | 17 (11,4) | | |
| Outra pessoa | 12 (12,2) | 13 (8,8) | | |
| <i>Figura materna, n° (%)^e</i> | | | | |
| Mãe biológica | 87 (88,8) | 132 (88,6) | 0,18 ^c | 0,671 |
| Madrasta | 1 (1,0) | 5 (3,4) | | |
| Outra pessoa | 10 (10,2) | 11 (7,4) | | |
| Mãe cursando o ensino médio, n° (%) | 38 ^e (39,2) | 18 (33,6) | 0,58 ^a | 0,446 |
| Pai cursando o ensino médio, n° (%) | 30 ^f (31,3) | 53 ^g (36,3) | 0,50 ^a | 0,478 |

DP, Desvio-padrão; p₂₅, percentil 25; p₇₅, percentil 75.

^a Dados categóricos comparados utilizando o teste Qui-quadrado de Pearson.

^b Dados contínuos comparados com o teste t de Student.

^c Dados categóricos comparados utilizando a Análise de Variância Simples.

^d Dados contínuos comparados com o teste de Wilcoxon-Mann Whitney.

^e Dados ausentes em um indivíduo.

^f Dados ausentes em dois indivíduos.

^g Dados ausentes em quatro indivíduos.

Conforme descrito na [tabela 3](#), quanto mais frequente o uso de práticas parentais de disciplina autoritárias e punitivas por ambos, mãe e pai, maiores as chances de a criança ser um agressor, sugerindo uma relação de dose-resposta. Ao examinar cada prática parental de disciplina específica, agressão psicológica mostrou a maior relação com o comportamento de *bullying*, e foi também a prática mais frequente. Formas de castigo corporal leve, como palmadas, e castigo corporal severo pela mãe também foram associadas à *bullying*. Quase metade (n = 107; 43,3%) de nossa amostra relatou ter sido castigada corporalmente no ano anterior por um dos pais, e 35,5% (n = 38) deles pelo menos uma vez por semana. Os subtipos não agressivos das práticas parentais de disciplina autoritárias e punitivas, como penalidades e retirada de privilégios, foram positivamente associados à *bullying*, principalmente pelas mães que recorriam às mesmas com mais frequência (quartil superior).

A análise complementar revelou que o indivíduo disciplinado por uma figura paterna que não o pai biológico apresenta mais que o dobro de chances de ser um agressor (RC = 2,21, IC de 95% = 1,25-3,91; p = 0,009); porém, nenhuma diferença foi encontrada para as mães não biológicas (RC = 1,04, IC de 95% = ,46-2,35; p > 0,999).

A disciplina indutiva pela mãe ou pai não foi associada significativamente, em geral, a comportamento de *bullying*. Contudo, o terceiro quartil da frequência de disciplina indutiva pelas mães mostrou uma associação significativa ([tabela 3](#)).

Discussão

Encontramos uma associação entre as frequências mais elevadas das práticas parentais de disciplina autoritárias e

Tabela 2 Diferenças entre meninos e meninas de acordo com os diferentes tipos de *bullying* (n = 98)

| | Meninos n = 52 (53,1%) | Meninas n = 46 (46,9%) | Estatísticas | Valor de p |
|-----------------------|---------------------------|---------------------------|--------------|------------|
| Físico, n° (%) | 13 (25,0) | 10 (21,7) | 0,02 | 0,888 |
| Verbal, n° (%) | 44 (84,6) | 39 (84,8) | 0,00 | >0,999 |
| Indireto, n° (%) | 18 (34,6) | 24 (52,2) | 3,40 | 0,122 |
| Cyberbullying, n° (%) | 1 (1,90%) | 1 (2,2%) | 0,000 | >0,999 |

Observação: Teste Qui-quadrado corrigido de Yates.

Tabela 3 Associações entre comportamento de *bullying* e práticas de disciplina parental

| Frequências das Práticas de Disciplina Parental | Mãe | | Pai | |
|---|--|------------|--|-----------|
| | Agressores (n = 98) em comparação a não agressores (n = 149) | | Agressores (n = 98) em comparação a não agressores (n = 149) | |
| | RC | IC de 95% | RC | IC de 95% |
| <i>Autoritária/Punitiva</i> | | | | |
| Quartil inferior (<p ₂₅) | ref. | | ref. | |
| Segundo quartil (p ₂₅ – p ₅₀) | 2,54 ^a | 1,11-5,80 | 2,06 | 0,93-4,56 |
| Terceiro quartil (p ₅₀ – p ₇₅) | 5,25 ^b | 2,33-11,87 | 2,62 ^a | 1,19-5,77 |
| Quartil superior (>p ₇₅) | 4,36 ^b | 1,87-10,16 | 2,82 ^a | 1,33-6,22 |
| <i>Castigo corporal leve</i> | 2,60 ^b | 1,50-4,49 | 2,29 ^a | 1,28-4,14 |
| <i>Castigo corporal severo</i> | 2,06 ^a | 1,14-3,73 | 1,74 | 0,93-3,25 |
| <i>Agressão psicológica</i> | | | | |
| Quartil inferior (<p ₂₅) | ref. | | ref. | |
| Segundo quartil (p ₂₅ – p ₅₀) | 4,40 ^b | 1,83-10,58 | 1,88 | 0,83-4,26 |
| Terceiro quartil (p ₅₀ – p ₇₅) | 3,94 ^a | 1,66-9,33 | 1,73 | 0,81-3,69 |
| Quartil superior (>p ₇₅) | 7,21 ^b | 3,03-17,19 | 4,43 ^b | 2,04-9,63 |
| <i>Penalidades/Comportamento restaurador</i> | | | | |
| Quartil inferior (<p ₂₅) | ref. | | ref. | |
| Segundo quartil (p ₂₅ – p ₅₀) | 2,49 ^a | 1,18-5,24 | 1,31 | 0,63-2,72 |
| Terceiro quartil (p ₅₀ – p ₇₅) | 1,67 | 0,78-3,60 | 1,24 | 0,56-2,73 |
| Quartil superior (>p ₇₅) | 2,88 ^b | 1,39-5,93 | 1,54 | 0,76-3,14 |
| <i>Retirada de privilégios</i> | | | | |
| Quartil inferior (<p ₂₅) | ref. | | ref. | |
| Segundo quartil (p ₂₅ – p ₅₀) | 1,55 | 0,73-3,32 | 1,28 | 0,52-3,15 |
| Terceiro quartil (p ₅₀ – p ₇₅) | 1,41 | 0,64-3,13 | 1,69 | 0,84-3,43 |
| Quartil superior (>p ₇₅) | 3,03 ^b | 1,39-6,63 | 2,25 ^a | 1,11-4,56 |
| <i>Disciplina indutiva</i> | | | | |
| Quartil inferior (<p ₂₅) | ref. | | ref. | |
| Segundo quartil (p ₂₅ – p ₅₀) | 1,06 | 0,49-2,29 | 1,01 | 0,46-2,22 |
| Terceiro quartil (p ₅₀ – p ₇₅) | 2,40 ^a | 1,12-5,16 | 1,93 | 0,92-4,07 |
| Quartil superior (>p ₇₅) | 1,71 | 0,80-3,68 | 1,43 | 0,68-3,02 |

Observação: A análise de cada grupo das práticas de disciplina parental (Autoritária/Punitiva e Indutiva) e de seus subtipos, para mãe e pai, foi feita de maneira independente. Modelo controlado para sexo, idade e se a figura parental foi a biológica.

RC, Razão de chance; IC, Intervalo de Confiança; p₂₅, percentil de 25; p₅₀, percentil de 50; p₇₅, percentil de 75; ref., quartil de referência.

^a Valores de p significativos para p < 0,05.

^b Valores de p significativos para p < 0,001.

punitivas e a prática de *bullying* entre adolescentes. Todas as práticas maternas de disciplina autoritárias e punitivas foram, em geral, estatisticamente associadas a comportamento de *bullying* por seus filhos, bem como grande parte das práticas paternas. A disciplina indutiva utilizada por ambos os pais não foi, em geral, estatisticamente associada ao resultado.

Nesta amostra, as meninas praticaram formas físicas, verbais e indiretas de *bullying* tanto quanto os meninos. Esse achado difere de outra amostra na região Sul do Brasil, onde os meninos eram duas vezes mais propensos a serem agressores.¹⁸

A agressão psicológica foi a prática parental de disciplina mais frequente e mostrou a maior associação com o comportamento de *bullying*. Na adolescência, o uso de castigo corporal normalmente diminui,¹⁵ pois eles já são grandes demais para levarem palmadas. Por outro lado, também é

um período em que há aumento de conflitos entre os pais e a criança,¹⁹ sendo mais provável o uso de agressão psicológica, porém não física. Da mesma forma, a natureza do *bullying* também muda com a idade: enquanto em crianças novas são comuns agressões físicas e verbais, conforme ficam mais velhas, a agressão física tende a diminuir e as formas verbais e indiretas de agressão aumentam.²⁰ Isso pode sugerir um padrão de comportamento imitativo da forma de os pais lidarem com os conflitos.

O uso atual de níveis elevados de agressão psicológica não significa que outras formas de castigo físico não foram utilizadas em sua infância. Como perguntamos sobre a experiência de diferentes práticas parentais de disciplina especificamente no ano anterior, o resultado real avaliado pode estar, de certa forma, associado a vivências anteriores.

O uso apenas de formas leves de castigo corporal foi associado a comportamento de *bullying*. Surpreendentemente, o

uso apenas de castigo corporal severo pela mãe, porém não pelo pai, foi estatisticamente associado à *bullying*. Podemos supor que isso se deve a um elevado número de pais divorciados ($n = 140$; 56,7%). Com os pais fora de casa, estes podem estar menos envolvidos com a disciplina de seus filhos e ter menos oportunidades de utilizar práticas parentais de disciplina de todos os tipos.

Os agressores também identificaram de forma significativa pais não biológicos como suas figuras paternas. Sabe-se que pais não biológicos são mais inconsistentes, negligentes e alheios à forma de disciplina que pais biológicos.²¹ Por outro lado, descobrimos que morar com os dois pais biológicos foi um fator de proteção contra *bullying*.²²

Cerca de um terço dos alunos dessa amostra foi castigado corporalmente pelo menos uma vez por semana, um número em conformidade com uma pesquisa anterior no Brasil.¹² Recentemente, também foram encontradas associações entre palmadas e intenção de bater para resolver conflitos entre os pares.²³ Gershoff¹¹ argumentou que, quando os pais fazem uso de castigo corporal, eles estão ensinando a seus filhos que bater é uma forma aceitável de lidar com conflitos interpessoais.

Trembley²⁴ destaca que a agressão é uma ferramenta natural que as crianças usam para conseguir o que querem, e o ato de aprender a moderar esses comportamentos naturais é normalmente chamado de 'socialização'. Disciplinar envolve prover muitos comportamentos desejáveis que não são parte do repertório natural de uma criança, porém precisam ser ensinados por meio da atenção dos pais, de estímulos e explicação. Por outro lado, a disciplina corretiva é tão necessária quanto às preventivas, pois as crianças frequentemente testam os limites anteriormente estabelecidos. A falha em não praticar uma ação corretiva é um fator de risco para os problemas de comportamento infantil, pois uma disciplina corretiva inadequada é um importante aspecto de negligência infantil.⁹ Portanto, algumas práticas parentais de disciplina autoritárias são essenciais para estabelecer limites claros e reduzir comportamento indesejáveis. Contudo, o castigo não deve ser dado de uma forma que desvalorize, envergonhe ou coloque as crianças em risco de serem machucadas, como ocorre com o castigo corporal e com a agressão psicológica.

O estudo possui algumas limitações. Em primeiro lugar, devido à sua essência transversal, não podemos garantir a natureza causal das associações. Crianças predispostas a *bullying* podem provocar práticas punitivas e mais severas quando as mais leves parecem não surtir efeito, o que já foi descrito anteriormente como "efeitos sobre a criança".²⁵ Em segundo lugar, o estudo tem como base relatos, por adolescentes, de comportamentos individuais e parentais. Teria sido interessante corroborar esses autorrelatos com os de outros informantes. Contudo, foi demonstrado um acordo adequado entre pais e filhos para os comportamentos observáveis, como controle e disciplina, e os adolescentes conseguiram fornecer relatos precisos.²⁶ Por fim, não investigamos transtornos mentais nos pais ou nos alunos, o que pode ser um importante fator para o uso, por qualquer um dos pais, de práticas punitivas ou para o comportamento agressivo das crianças na escola.

Este estudo possui alguns pontos fortes importantes que devem ser reconhecidos. Primeiramente, o estudo foi conduzido em uma mostra comunitária de escolas públicas,

aumentando a validade externa de nossos achados. Uma amostra de jovens da América Latina é importante para fornecer comparações e contrastes com uma pesquisa sobre *bullying* nos países da América do Norte e Europa. Segundo, o comportamento de *bullying* foi avaliado cuidadosamente, com perguntas sobre atos específicos, em vez de prática de *bullying* em geral. Esse tipo de avaliação é importante para garantir dados confiáveis, já que "*bullying*" é uma palavra estrangeira, sem tradução adequada para o português. Por fim, diferentemente de grande parte dos estudos, que investigam apenas a mãe, buscamos identificar as práticas disciplinares de ambos os pais. Como o pai pode assumir uma parte substancial da disciplina infantil, consideramos importante incluir as informações sobre o uso, também pelos pais, de disciplinas.

Pediatras, médicos de famílias e enfermeiros de cuidados primários devem orientar os pais sobre as práticas parentais de disciplina e ajudá-los a encontrar a melhor e mais positiva forma de disciplinar seus filhos. Em um campo mais amplo, os programas de prevenção não devem negligenciar o papel importante dos pais a respeito da prática de *bullying*.

Financiamento

Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Fundação de Incentivo a Pesquisa e Eventos (FIPE) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS-HCPA).

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Referências

1. Burk LR, Armstrong JM, Park JH, Zahn-Waxler C, Klein MH, Essex MJ. Stability of early identified aggressive victim status in elementary school and associations with later mental health problems and functional impairments. *J Abnorm Child Psychol*. 2011;39:225–38.
2. Sourander A, Jensen P, Rönning JA, Niemelä S, Helenius H, Siljanmäki L, et al. What is the early adulthood outcome of boys who bully or are bullied in childhood? The Finnish "From a Boy to a Man" study. *Pediatrics*. 2007;120:397–404.
3. Olweus D. Bullying at school and later criminality: findings from three Swedish community samples of males. *Crim Behav Ment Health*. 2011;21:151–6.
4. Ando M, Asakura T, Simons-Morton BG. Psychosocial influences on physical, verbal, and indirect bullying among Japanese early adolescents. *J Early Adolesc*. 2005;25:268–97.
5. O'Moore M, Kirkham C. Self-esteem and its relationship to bullying behaviour. *Aggr Behav*. 2001;27:269–83.
6. Jolliffe D, Farrington DP. Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables? *J Adolesc*. 2011;34:59–71.
7. Laible DJ, Carlo G, Roesch SC. Pathways to self-esteem in late adolescence: the role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. *J Adolesc*. 2004;27:703–16.
8. Butchart A, Phinney Harvey A, Mian M, Furriss T. Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence. Geneva: WHO and International Society for the Prevention of Child Abuse and Neglect; 2006.

9. Straus MA, Fauchier A. *Manual for the Dimensions of Discipline Inventory (DDI)*. Durham, NH: Research Laboratory, University of New Hampshire; 2007.
10. Krevans J, Gibbs JC. Parents' use of inductive discipline: relations to children's empathy and prosocial behavior. *Child Dev.* 1996;67:3263-77.
11. Gershoff ET. Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: a meta-analytic and theoretical review. *Psychol Bull.* 2002;128:539-79.
12. Vitolo YL, Fleitlich-Bilyk B, Goodman R, Bordin IA. Parental beliefs and child-rearing attitudes and mental health problems among schoolchildren. *Rev Saude Publica.* 2005;39:716-24.
13. Runyan DK, Shankar V, Hassan F, Hunter WM, Jain D, Paula CS, et al. International variations in harsh child discipline. *Pediatrics.* 2010;126:e701-11.
14. Dussich JP, Maekoya C. Physical child harm and bullying-related behaviors: a comparative study in Japan, South Africa, and the United States. *Int J Offender Ther Comp Criminol.* 2007;51:495-509.
15. Lansford JE, Criss MM, Dodge KA, Shaw DS, Pettit GS, Bates JE. Trajectories of physical discipline: early childhood antecedents and developmental outcomes. *Child Dev.* 2009;80:1385-402.
16. Fischer RM, Lorenzi GW, Pedreira LS, Bose M, Fante C, Berthoud C, et al. *Bullying escolar no brasil - relatório final*. São Paulo: Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS); Fundação Instituto de Administração (FIA); 2010.
17. Olweus D. *The revised Olweus Bully/Victim questionnaire*. Bergen, Norway: Research Center for Health Promotion (HEMIL); University of Bergen; 1996.
18. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *J Pediatr (Rio J).* 2013;89:164-70.
19. Donovan KL, Brassard MR. Trajectories of maternal verbal aggression across the middle school years: associations with negative view of self and social problems. *Child Abuse Negl.* 2011;35:814-30.
20. Craig W, Harel-Fisch Y, Fogel-Grinvald H, Dostaler S, Hetland J, Simons-Morton B, et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health.* 2009;54:216-24.
21. Daly M, Wilson M. Evolutionary social psychology and family homicide. *Science.* 1988;242:519-24.
22. Spriggs AL, Iannotti RJ, Nansel TR, Haynie DL. Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *J Adolesc Health.* 2007;41:283-93.
23. Simons DA, Wurtele SK. Relationships between parents' use of corporal punishment and their children's endorsement of spanking and hitting other children. *Child Abuse Negl.* 2010;34:639-46.
24. Tremblay RE. Understanding development and prevention of chronic physical aggression: towards experimental epigenetic studies. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci.* 2008;363:2613-22.
25. Jaffee SR, Caspi A, Moffitt TE, Polo-Tomas M, Price TS, Taylor A. The limits of child effects: evidence for genetically mediated child effects on corporal punishment but not on physical maltreatment. *Dev Psychol.* 2004;40:1047-58.
26. Taber SM. The veridicality of children's reports of parenting: a review of factors contributing to parent-child discrepancies. *Clin Psychol Rev.* 2010;30:999-1010.